

## O arquiteto que se esconde por trás de seu próprio trabalho. Arturo Franco no Matadero Madrid

*Arturo Franco Díaz*

Professor do Departamento de Composição Arquitetônica da Universidade Politécnica de Madri (UPM), Espanha  
Contato: estudio@arturofranco.es

*Ana Navarro Bosch*

Professora do Departamento de Projetos Arquitetônicos da Universidade Politécnica de Valencia (UPV), Espanha  
Contato: ananavarro@pra.upv.es

*Nuria Salvador Luján*

Professora do Departamento de Projetos Arquitetônicos da Universidade Politécnica de Valencia (UPV), Espanha  
Contato: nusalluj@arq.upv.es

Tradução:  
Miguel Croce

Revisão técnica:  
Ana Paula Polizzo

### RESUMO

O trabalho desenvolvido pelo escritório de arquitetura de Arturo Franco no Matadero Madrid tem sido extenso e intenso. É ainda um trabalho inconcluso, em processo, mas vem sendo uma aventura que transformou o escritório e sua maneira de pensar, originando uma filosofia de trabalho que é exposta neste artigo, através da apresentação de três projetos dos quais é autor: “Intermediae”, “El Taller” (a oficina) e a proposta para os Pavilhões 8 e 9.

Palavras-chave: Arturo Franco, Matadero Madrid, Intemediae, Oficina, Pavilhão 8b, Pavilhões 8 e 9, Filosofia, materialidade, reciclagem, oportunidade.

### ABSTRACT

The work developed by the architecture office of Arturo Franco in Matadero Madrid has been extensive and intensive. It still an unfinished work, in process, but it has been an adventure that transformed the office and its way of thinking, originating a philosophy of work that is exposed in this article, through the presentation of three projects of which it is author: “Intermediae” “El Taller” (the workshop) and the proposal for Pavilions 8 and 9.

Key-words: Arturo Franco, Matadero Madrid, Intemediae, Workshop, Pavilion 8b, Pavilion 8 and 9, Philosophy, materiality, recycling, opportunity.

## O objeto, Matadero Madrid

O antigo matadouro municipal de Arganzuela constitui-se em um dos estabelecimentos industriais mais singulares e interessantes da arquitetura madrilenha do século XX. Esta “pequena cidade industrial”, tal como a definiu o próprio arquiteto, Luís de Bellido<sup>1</sup>, foi construída entre 1911 e 1925 junto à margem do rio Manzanares.

Um muro perimetral de 2,5 km de extensão encerrava uma área de 165.415 m<sup>2</sup> de superfície total, em cuja zona central se projetou um eixo principal dominado pela gestão e administração, dividindo o conjunto em duas áreas diferenciadas pelos usos do Matadouro e pelo Mercado de Gado de Consumo (bovinos, ovinos e suínos).

A área destinada ao matadouro se situava no setor sul do conjunto, sendo esta a que se herdou e que se converteu no atual Matadero Madrid, composta pelos pavilhões de secagem, corte de carcaça, frigorífico, garagem, sanitários e urinários (galpão 17), os pavilhões de degola do gado bovino (galpões 13 e 14), os pavilhões de degola de bezerras, ovelhas e porcos (galpões 10, 11 e 12), os pavilhões da oficina de sangria, evisceração e secagem de peles (galpão 8), o mercado e matadouro de aves (galpão 9), os pavilhões dos estábulos, exposição e venda de gado ovino e bovino (galpões 15 e 16) e o depósito de água (D).

O correto funcionamento desse estabelecimento foi uma questão primordial para Bellido, fato manifestado na solução de pavilhões independentes separados por ruas. Composto inicialmente por quarenta e oito edifícios, o conjunto foi sofrendo adaptações até chegar a contar com um total de sessenta e quatro. Seguindo uma linha de



Figura 1: Plano do setor sul do conjunto do Matadero Madrid.

funcionalidade, em cada um destes pavilhões fez uso da técnica construtiva mais adequada para resolver o espaço com os recursos do momento, fazendo coexistirem estruturas de treliças metálicas com pilares de fundição em alguns de seus pavilhões, ou forjados e pilares de concreto armado em outros. Do mesmo modo foram resolvidas as coberturas com vigotas metálicas, com lajotas cerâmicas e duplo tabuleiro de *rasilla*<sup>2</sup> e além de coberturas mais inovadoras provenientes da arquitetura industrial com armaduras metálicas e telhas planas sobre tabuleiros. Foram utilizados materiais e tipologias construtivas de muros de fechamento do tipo assentamento *toledano*<sup>3</sup>, com panos de alvenaria intercalados de pedra sílica e *verdugadas*<sup>4</sup> e *machones*<sup>5</sup> aparentes sobre embasamento de granito com moldura reta e lavragem rústica, bem como o assentamento de tijolos aparentes nas pilastras e encadeados nas esquinas, nos vãos, nas cornijas, etc. Foi avaliado, por este tipo de solução utilizada nos fechamentos dos pavilhões com fachadas de tijolos e alvenaria, como estilo *neo mudéjar*, que bem poderia ser contemporâneo com a arquitetura da cidade, mas que sem dúvidas não

contempla os inícios do movimento moderno que estava começando a se formar<sup>6</sup>.

Depois de mais de sessenta anos de funcionamento, no ano de 1996 o local é fechado definitivamente. Começam a partir dessa data ocorrências turbulentas - como ocupações ilegais, vandalismo, incêndios -, até que seu futuro muda ao se configurar a operação Matadero Madrid, dentro do programa de reabilitação do patrimônio histórico madrilenho e do plano de regeneração urbana da zona sul da cidade, já que sua localização e a envergadura de tal operação eram capazes de potencializar o prolongamento do grande eixo cultural Recoletos-Prado até a praça de Legazpi, estendendo a centralidade da cidade. Conseguiria-se assim mudar o destino desse espaço obsoleto, que, dando uma volta de 180 graus, iniciava um novo ciclo de vida, agora como *Matadero Madrid*, transformando-se no que hoje em dia é um centro público fundamental na atividade cultural e na criatividade da capital. Inclusive além da capital.

Um novo ciclo de vida que pode originar-se num espaço em desuso e obsoleto como era o matadouro, graças as suas qualidades espaciais, tectônicas e materiais originais, ou seja, sua matéria existente, revelando seu potencial para transformação, a sua grande predisposição à reciclabilidade, com edificações passíveis de serem reutilizadas. Nesse sentido, o ponto de partida - um antigo uso industrial desenvolvido em pavilhões independentes de grande valor espacial que conformam um conjunto unificado, espaços diáfanos muito bem iluminados e com uma escala adaptável a quase qualquer uso - facilitou o estabelecimento das duas diretrizes principais do protocolo de intervenção.

Por um lado, a questão da compatibilidade entre uma operação única como a do Matadero Madrid

que convive com a convocatória de vários concursos de arquitetura que subdividem em diferentes intervenções interiores ao conjunto edificado. Assim, no âmbito da operação realizada no conjunto do matadouro, se integram um total de doze intervenções, específicas e muito diferentes entre si - ao menos com relação à concepção projetual. Cada uma atendendo à peculiaridade de cada situação, ainda que tenham muitos pontos em comum por se tratar de um único conjunto concebido desde a sua origem com tal.

Por outro lado, a obrigatoriedade de preservar o volume dos pavilhões e seu caráter industrial, valorizando o espaço através do uso nas diferentes intervenções de materiais, os mais industriais possíveis. Embora este último tenha se estabelecido como pauta depois da primeira intervenção do escritório. A superfície útil do conjunto dos pavilhões que formam o Matadero Madrid é tal que se justifica que, como ponto de partida geral, não se considere a possibilidade de construir novas arquiteturas, pois as existentes são grandes suportes que permitem sua reciclagem com outros usos.

É na década compreendida entre os anos 2004 e 2013<sup>7</sup> que o Matadero Madrid se encaminha para o começo de seu terceiro ciclo de vida através da reciclagem realizada dentro da operação Madrid Rio.

## Três projetos

As primeiras intervenções no matadouro se ocuparam principalmente do reforço estrutural, restituição das coberturas, reparação de fechamentos e demolição das divisórias interiores, operações das quais não participaram os pavilhões 8, 9 e 17, sendo esses os três espaços cujas intervenções são descritas neste artigo. Três projetos concebidos no escritório de arquitetura de Arturo Franco, nos quais se pode identificar uma filosofia de trabalho baseada em: olhar (e não ver) + escutar (e não ouvir). Um binômio do qual surge a expressa vontade de entender cada projeto como mais um elo nos ciclos de vida da arquitetura. Um olhar sensível capaz de identificar as oportunidades quando essas aparecem, uma atenta e respeitosa leitura do lugar, dos espaços, da sua história, e critério para valorizar a arquitetura como uma questão essencial na sua reciclagem e, portanto, em sua continuidade<sup>8</sup>. Deixar que o edifício fale e seja capaz de contar sua própria história em todas as suas fases e, para isso, é necessário mostrá-lo tal como ele é, desnudando as suas marcas do passado e também as ações do presente.

### **Pavilhão 17c - Intermediae: o projeto surgido da história do espaço: realizar uma mudança de uso sem deixar de mostrar sua própria história**

Arquitetos: Arturo Franco, Fabrice van Teslaar

Início do projeto e fim de obra: janeiro de 2006 - dezembro de 2006

Prazo de execução: 5 meses

Superfície de atuação: 6.000 m<sup>2</sup>

Orçamento da obra: 700.000 Euros

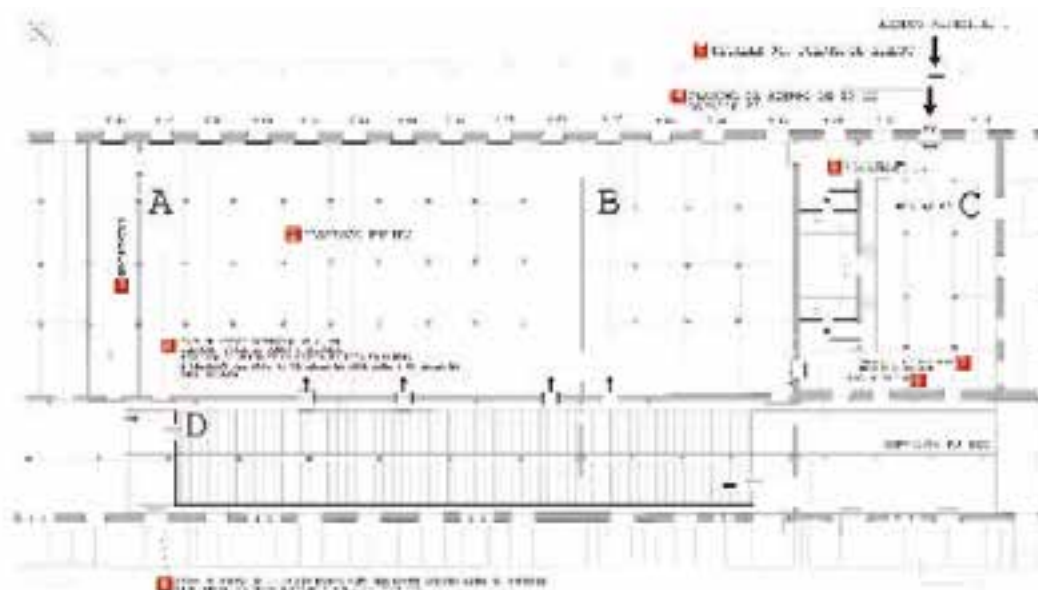


Fonte: Imagem cedida pelo autor, Arturo Franco.

*Figura 2: Marcação em preto, localização do Pavilhão 17c - Intermediae, Hall de acesso e aberto por obras*

A convite do Intermediae<sup>9</sup>, Arturo Franco aterriza na operação Matadero Madrid, sendo a nova sede da mesma, que ocupará o Pavilhão 17c, a primeira intervenção abordada no conjunto do matadouro e que, como tal, pode ser considerada uma experiência piloto, e, ao mesmo tempo, exemplo e precedente para as ações realizadas em sequência. Um projeto que nasceu com dois clientes muito definidos. Por um lado, a Prefeitura, por meio da Secretaria das Artes e por outro, a Intermediae, nova instituição fundada que ocuparia este pavilhão e que necessitava de um espaço para artistas, para a criação contemporânea, um espaço capaz de receber diversas ações, onde pudessem conviver produção e exposição em um mesmo plano.

As premissas de projeto de intervenção se entrelaçam entre o processo<sup>10</sup>, o respeito pela vida passada do edifício, os condicionantes programáticos da Intermediae e a condição geral de temporalidade imposta - devendo ser desmontado após dois anos de sua execução, contando com um orçamento apertado. Apostou-se então numa abordagem que propunha



Fonte: Imagem cedida pelo autor, Arturo Franco.

uma oportunidade de explorar novas possibilidades, uma nova proposta frente à atuação no patrimônio arquitetônico, no limite da “não atuação”, reduzindo ao mínimo necessário a intervenção.

O espaço se mantém, a história do edifício fica exposta e é respeitada, são valorizadas as qualidades da arquitetura existente como abrigo que acolhe à nova atuação, decide-se deixar à mostra as marcas do passado, sem complexos, se respeita a permanência dos testemunhos do processo de intervenção: as marcas do *azulete*<sup>11</sup>, os sinais de restauro e consolidação dos pilares, incluindo os desenhos e detalhes construtivos sobre as decisões tomadas em obra, podem ser lidos sobre as paredes. Ou seja, uma estratégia de projeto que se alimenta da vida impregnada no próprio espaço, sendo esta que cria a identidade do mesmo. Trabalha-se a identidade como sentimento, como capacidade de gerar sensações no usuário, sensações de pertencimento. Espaços que, para além da sua mera função, convidam a permanecer, a compartilhar, a dialogar e a refletir, conseguindo com isso uma certa interação entre a arquitetura e o usuário.

Figura 3: Planta do Pavilhão 17c - Intermediae

01. Armazém

02. Concreto polido

03. Caixa de aço envernizada de 20mm elevada sobre o piso, 5 unidades, adaptada ao vão da porta em toda sua altura e saindo da parede 40cm até o galpão principal e 10cm até o galpão pequeno

04. Chapa de aço de 20mm

05. Porta de aço

06. Chapa de aço de 10mm a uma altura de 3,50m

07. Chapa de aço de 10mm a 40cm do teto

08. Vão de 250x90cm

09. Chapa de aço de 10mm com verniz antiderrapante apoiada sobre concreto para formar inclinação, 4 unidades, aproximadamente 170 x 225cm

A nova arquitetura do espaço *Intermediae* estabelece um intenso diálogo com os vestígios arcaicos do que uma vez foram o pavilhão de câmaras frigoríficas e sistema de ganchos do antigo matadouro de Madrid. Essa nova arquitetura se implanta com linhas retas que contrastam com a rugosidade e a heterogeneidade dos velhos muros. Com somente três materiais - concreto, vidro e aço - se consegue estabelecer uma linguagem moderna que não deixa de lado a história e a monumentalidade do antigo edifício.

Uma intervenção que se introduz no pavilhão ao modo de “instalação”, gerada com perfis de aço que definem linhas puras e retas, faz com que o novo apareça com muita força, revelando suas qualidades e sua juventude, frente à ancialidade do existente. É precisamente essa ternura que provoca a antiguidade, essa sensação de segurança, de sentir-se abrigado e a predisposição à escuta e à aprendizagem que leva à experiência, o que se consegue com a “não atuação” frente ao existente, aproximando a arquitetura à condição humana, porque a imperfeição é inerente ao ser humano, assim como a velhice, e é precisamente nessa imperfeição onde sentimo-nos nós mesmos, muito mais que perante à perfeição e

ao esteticamente impoluto. Aprendemos com nossos erros e admitimos nossos defeitos.

Os perfis metálicos de aço de dimensões máximas obtidos diretamente da indústria se descontextualizam e são utilizados para outros fins, a priori diferentes da sua missão estrutural. Assim, no espaço de recepção, um perfil IPE-600<sup>12</sup> serve de banco corrido sobre o qual se pode sentar e uma viga H-1000<sup>13</sup>, formada por chapas de aço de espessura de 1,5cm e 14m de comprimento, compõe a peça de mostruário. Para resolver os sanitários, bastou duas chapas de aço de 2cm de espessura e assim sucessivamente...

A sala maior foi concebida como um espaço polivalente que se transforma, adaptando-se às necessidades momentâneas do projeto. Tal sala, por sua vez, se relaciona com a sala longitudinal através das quatro perfurações existentes no muro que unem os espaços por peças de aço sem tratamento que, assim como “umbrais”, se encaixam nas aberturas e incluem uma pequena rampa que assume o desnível existente entre ambas, tornando-as passagens.

Na sala longitudinal a intervenção se concentra em uma peça, uma caixa conformada por perfis de aço e



Fonte: Imagem cedida pelo autor, Arturo Franco.

*Figura 4: Vestíbulo do Pavilhão 17c – Intermediae.*





Fonte: Imagem cedida pelo autor, Arturo Franco.

*Figura 5: Caixa conformada por perfis de aço e vidro na sala longitudinal do Pavilhão 17c - Intermediae.*

vidro que se separa das paredes que delimitam o espaço por uma distância de aproximadamente 80cm. Uma peça que se resolve estrutural e construtivamente com perfis metálicos UPN-180<sup>14</sup> que, apoiados no solo, constituem frisos, pavimentos, rodapés e longarinas de apoio, e que, por sua vez, suspensos pelo perfil IPN<sup>15</sup>, que superiormente se ancora ao muro da fachada e ao muro de compartimentação interior existente, arrematam a peça retangular a qual dão forma e sustento, tanto nos paramentos verticais de vidro como no paramento horizontal superior.

Quanto à atuação nas aberturas, não se pretende resolvê-las como janelas, mas dispor de uma proteção provisória que permita a passagem de luz natural, e que ao mesmo tempo impeça a entrada de vento e chuva. Para isso, uma solução elementar, básica: um marco metálico com vidro se sobrepõe, embutido através de ganchos no muro, excedendo

as dimensões da abertura, de maneira a mostrar-se como independente da forma e das dimensões do mesmo.

Por outro lado, o galpão 17c serviu como uma oportunidade para refletir sobre a efemeridade devido ao seu caráter intencionalmente provisório, como já foi indicado. Serviu para voltar a pensar o contrário como atitude. Pensar no efêmero como algo pesado e não como algo leve. O pesado se transporta e se deposita em seu lugar sem transformação alguma. Suscetível de voltar a ser retirado em seu futuro.

Atendendo ao próprio processo e entendendo a intervenção como tal, a passagem do tempo pôde demonstrar que efetivamente foi um acerto orientá-la como um “processo” aberto que incorpora a continuidade como conceito na intervenção e assim fica patente a flexibilidade e a capacidade de adaptação a novos usos.

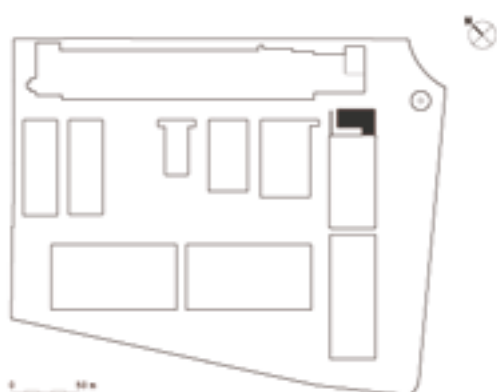
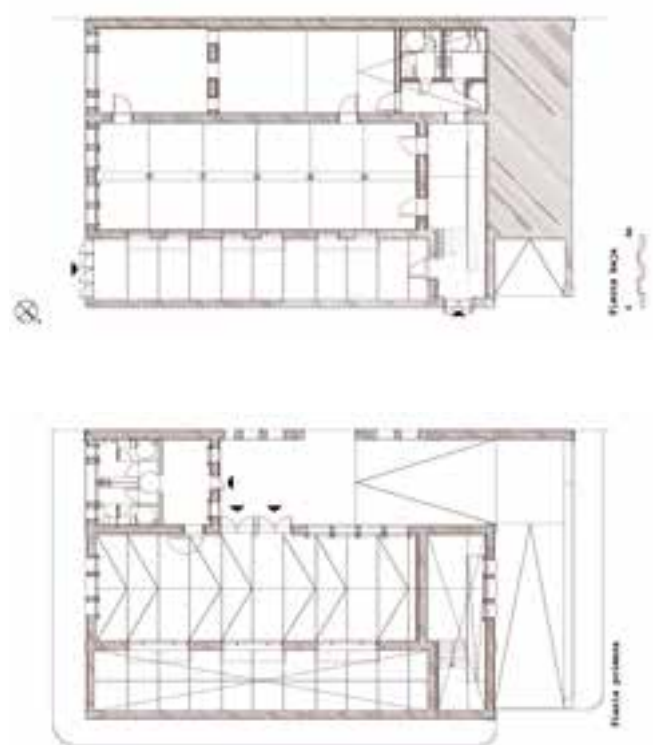


Figura 6: Marcação em preto, localização do Pavilhão 8b - a oficina.

Fonte: Imagem cedida pelo autor, Arturo Franco.



Fonte: Imagem cedida pelo autor, Arturo Franco.

Figura 7: Plantas do Pavilhão 8b - a oficina

## Pavilhão 8 - a oficina: o projeto surgido da oportunidade: trabalhar o espaço ao partir do material

Arquitetos: Arturo Franco

Início do projeto e fim de obra: janeiro de 2009 - dezembro de 2009

Prazo de execução: 8 meses

Superfície de atuação: 1.000 m<sup>2</sup>

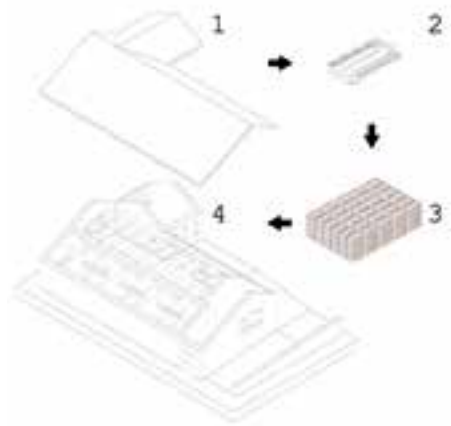
Orçamento da obra: 500.000 Euros

O Pavilhão 8b, denominado “a oficina” (el taller), pertence ao conjunto formado pelos pavilhões 8 e 9, dois edifícios independentes, porém justapostos, destinados originalmente à oficina de esfola e evisceração - secadouro de peles. Todo um lote cujo projeto de intervenção é fruto do primeiro prêmio concedido à proposta com o lema “fio condutor”, apresentado em um concurso aberto, no verão de 2008 no qual participaram mais de 100 equipes.

Ainda que, devido à falta de consenso sobre os ocupantes finais dos pavilhões transformados 8 e 9, em janeiro de 2009, a administração decidiu que, em uma primeira fase, se empreenderiam as obras unicamente na pequena lateral voltada para a rua principal do matadouro: “a oficina”.

Depois da elaboração do projeto de adequação desse volume - antiga oficina de evisceração - e de uma pequena área de trabalho administrativo - um armazém e um espaço polivalente para palestras ou apresentações -, iniciou-se a fase de execução. Os objetivos a serem alcançados eram principalmente a restituição de uma cobertura de telha plana sobre os tabuleiros e *rasillas*<sup>16</sup> sucessivamente remendados; a realização de um reforço estrutural do conjunto e o acondicionamento do interior, térmica e acusticamente, para acomodar novos





Fonte: Imagem cedida pelo autor, Arturo Franco.

*Figura 8: Armazenamento das telhas planas retiradas das coberturas dos galpões do Matadero Madrid; esquema conceitual da reutilização destas telhas na intervenção do Pavilhão 8b.*

usos. Anteriormente a esta intervenção, algumas dessas operações já haviam sido realizadas em outros pavilhões do matadouro, tendo como resultado um grande estoque de escombros - a espera de serem transportados para o descarte - dentre os quais se destacavam, pela sua abundância e bom estado, as telhas planas retiradas das coberturas. Foi então, com a obra já iniciada, que surgiu a oportunidade - sendo inevitável a partir desse momento vê-la e reconhecê-la - de mudar o rumo da intervenção com o objetivo de aproveitar o material que o próprio matadouro oferecia para empreender a intervenção.

Então, em função do que foi descoberto, as obras foram paralisadas para serem reconduzidas. A telha plana entrou em cena como material de aparelhamento com o qual se pôde construir a compartimentação vertical no interior dos espaços e o revestimento dos paramentos de fachada mais representativos, numa solução que se mostrou bioclimática tanto pela inércia térmica do material cerâmico quanto pelo fato de que o assentamento das mesmas que resultou num revestimento permeável. Por feliz coincidência, a cerâmica se apresenta como material presente na tradição da antiga escola de Madrid estabelecendo, assim, uma ponte cultural e identitária.

Os trabalhos de carpintaria foram também executados com peças de madeira reutilizadas, fixadas através de pinças de pressão<sup>17</sup>, que permanecem como elementos aparentes, para que, caso seja preciso, possam sofrer novos ajustes. Desse modo se evidencia a tensão transmitida e se trabalha com ferramentas de aperto que não são alheias ao material.

Logo, fruto de um saber “olhar”, se percebe e se aproveita as oportunidades existentes; e, a partir desse momento, as decisões projetuais da obra passaram a ser principalmente uma questão de assentamento, relacionando, através de tais recursos, a intervenção com a tradição arquitetônica de Madrid e com a construção com tijolos; travando as telhas da forma mais natural, como se de tijolos se tratassem; incorporando os pequenos erros do pedreiro a todo um vibrante conjunto. Erros não premeditados, não voluntários, mas aceitos como válidos.



Fonte: Imagem cedida pelo autor, Arturo Franco.

Figura 9: Interior do Pavilhão 8b - a oficina, depois da intervenção.

### Pavilhões 8 e 9 - o projeto surgido do estado do existente: a estrutura e suas patologias

Arquitetos: Arturo Franco, Juancho Arregui

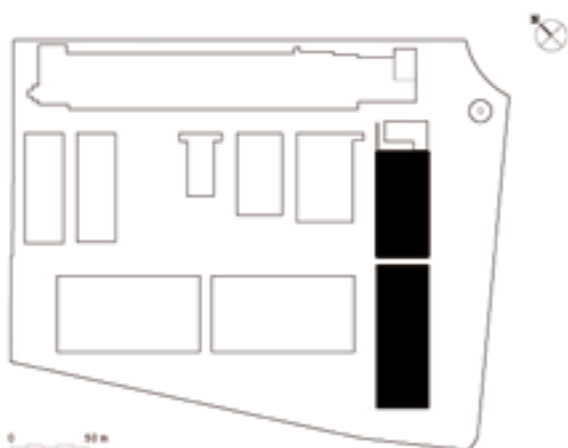
Início do projeto e fim de obra: janeiro de 2010 - março de 2011

Prazo de execução: 10 meses

Superfície de atuação: 20.891,85 m<sup>2</sup>

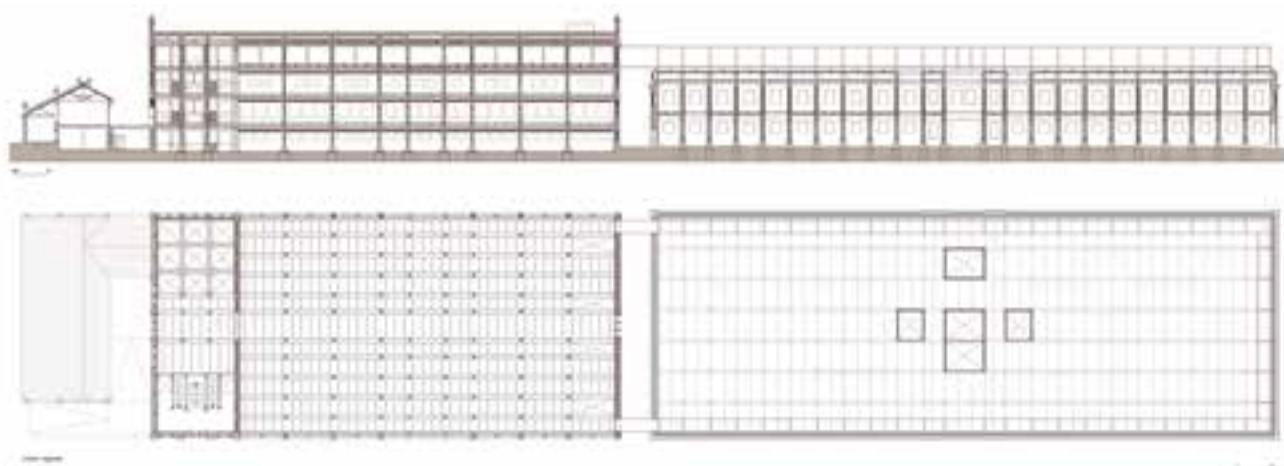
Orçamento da obra: 5.474.127,86 Euros

Uma vez finalizadas as obras no Pavilhão 8b, se retoma a proposta de “fio condutor” para adequar as antigas zonas de evisceração e secadoras de pele em espaços para usos artísticos, culturais e de lazer. Para isso, faz-se uma distribuição livre dos espaços a partir de uma sequência de cordas de cânhamo, tensionadas sobre a estrutura como ponto de apoio que, na forma de retícula, configura o espaço existente. Um sistema capaz de qualificar de maneira contínua os distintos lugares; capaz de gerar um espaço flexível e responder a qualquer ação que venha a nele ocorrer, e que é



Fonte: Imagem cedida pelo autor, Arturo Franco.

Figura 10: Marcação em preto, localização dos pavilhões 8 e 9.



Fonte: Imagem cedida pelo autor, Arturo Franco.

Figura 11: Planta e seção longitudinal dos pavilhões 8 e 9

descrito no memorial apresentado no concurso nos seguintes termos:

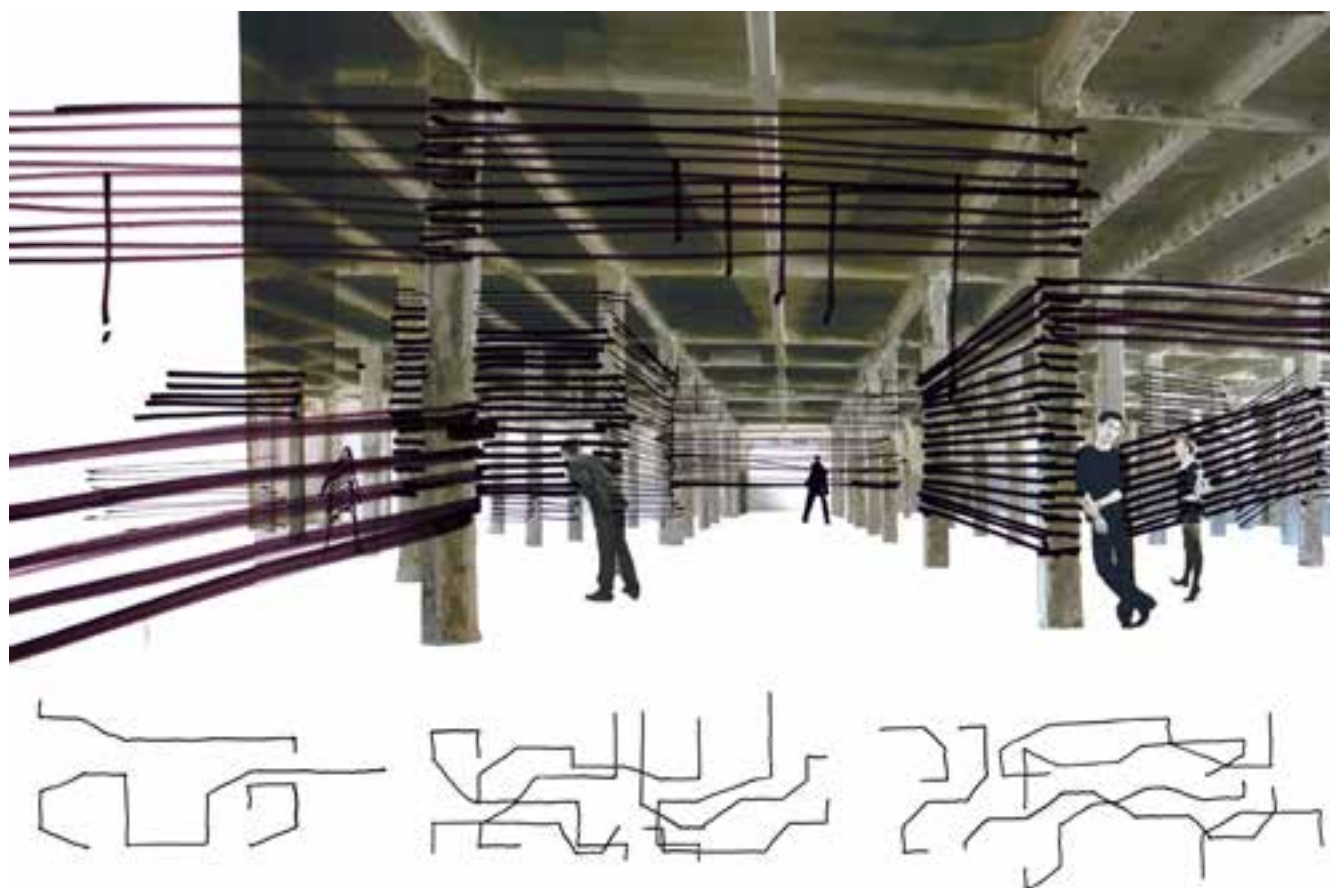
Um novelo que se desenrola sem fim, cordas que se movem entre pilares em infinitas combinações, definindo ao longo do movimento cada uso. Definem estúdios, oficinas, exposições, salas de aula, mas sobretudo definem espaços, entornos, áreas de trabalho que se desenvolvem dentro e fora de seus limites. As cordas, rústicas e potentes, conformam a paisagem da proposta. Sem nenhum artifício, da maneira como saem das bobinas, criam um entorno neutro, onde as únicas interferências serão as que propiciem seus usuários. Mais ou menos separadas, superpostas ou cruzando-se, diante de um plano envidraçado ou como um corrimão, se convertem no fio condutor destes pavilhões, no motivo constante que une a disparidade de atividades que acolhem o projeto. Ainda que não se proponha um entorno efêmero, mas

permanente, a evidente facilidade de instalação das cordas permite pensar em um uso flexível dos espaços, capaz de se adaptar às transformações que possam ser requeridas no futuro.<sup>18</sup>

Uma proposta de concurso que precisou evoluir novamente, reconduzindo-se desta vez em função da estrutura visto que o estudo detalhado e profundo da construção preexistente, realizado em 2010, identificou graves patologias na estrutura de concreto armado - uma das primeiras erguidas na Espanha. Esta havia perdido praticamente toda sua capacidade de carga e, portanto, não seria capaz de suportar as atividades programadas - e tampouco os esforços provocados pelas cordas propostas. Foi a partir desse ponto que o necessário reforço estrutural começou a fazer parte do projeto. A proposta se utilizou de tal circunstância como uma oportunidade para evoluir e permitir que o conjunto fosse capaz de receber novos usos e de solucionar as patologias da estrutura original em concreto armado.

As manobras necessárias para reforçar o edifício deveriam participar de uma forma ativa na ideia original e se manifestar com toda sua personalidade





Fonte: Imagem cedida pelo autor, Arturo Franco.

*Figura 12: Fotomontagem incluída nos painéis da proposta 'fio condutor' e três esquemas de amarração das cordas, apresentados ao concurso público para a intervenção nos pavilhões 8 e 9.*

sem se ocultar. A maneira convencional de realizar esse tipo de reforço em estruturas de concreto armado consiste, basicamente, em abraçar os pilares com outros elementos metálicos; em vestir a estrutura preexistente com um colete de aço. Começando-se dessa técnica convencional, foram exploradas diversas outras possibilidades até se chegar na solução definitiva. O ponto de partida do sistema foi distanciar a nova estrutura metálica da preexistente. Uma separação de vinte centímetros que permite que os dois sistemas trabalhem de forma independente e colaborem só pontualmente, quando se faça necessário. A partir dessa escolha, o resto das decisões foram tomadas pelo próprio projeto: as decisões passam a ser respostas ao sistema formulado.

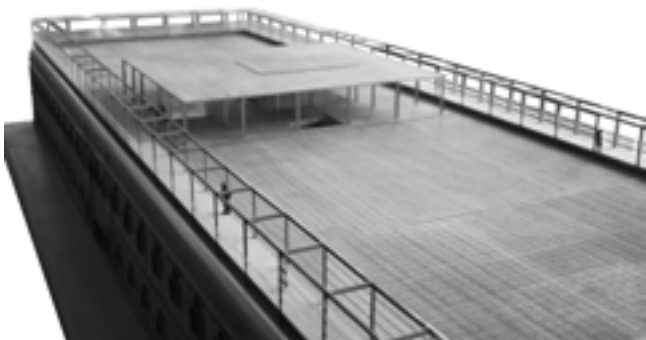
O projeto ganha identidade própria. O resultado, portanto, volta a ser imprevisível.

As personalidades das duas estruturas que coabitam multiplicam a capacidade de transformar os espaços. Um arranjo que possibilita praticamente qualquer ação. É um novo sistema que, além de dar suporte estrutural, serve de apoio à livre distribuição do próprio espaço, mantendo com isso, a ideia original de gerar um arranjo que permitisse a adaptabilidade aos usos previstos e imprevistos. É gerada assim uma sensação especular, múltipla e complexa a partir da simplicidade, de uma decisão elementar, do sentido comum. As duas linguagens de naturezas distintas conservam seu caráter à espera da fase seguinte,



Fonte: Imagem cedida pelo autor, Arturo Franco.

*Figuras 13: Reforço estrutural nos pavilhões 8 e 9.*



Fonte: Imagem cedida pelo autor, Arturo Franco.

*Figura 14: Fotografias da maquete da proposta de espaço público na cobertura dos pavilhões 8 e 9.*

podendo nesse momento atuar conjuntamente, quando tudo ganhará então um sentido completo, quando tudo poderá acontecer através do universo originado da relação entre ambos os mundos, entre ambas as estruturas.

Mais ainda, a intervenção prevista para os Pavilhões 8 e 9 ampliará o espaço urbano do Matadero na sua quinta fachada, já que a cobertura dos pavilhões está prevista para ser transitável para que nela possam se

desenvolver atividades culturais, lúdicas e sociais que complementem o conjunto. Será um pavimento, um único espaço que conectará ambos os pavilhões visto que eles são totalmente independentes. Uma tipologia diferente da existente no resto das intervenções realizadas no Matadero, como diferente também é a tipologia do pavilhão na qual se insere, já que é o único de todos que conta com quatro pavimentos.



## Uma Filosofia de Trabalho

Uma vez expostos os três projetos, é possível reconhecer os fundamentos das propostas e a filosofia de trabalho aplicada em todas elas, conceitual e materialmente.

### Solução conceitual

A solução conceitual principal fixa um padrão de procedimentos voltados ao redirecionamento dos movimentos e ações para que se escape de quaisquer estratégias de desenho *à priori*, o que levaria a resultados diferentes. Procura-se, portanto, fugir de formalismos e busca-se na arquitetura caminhos de aprendizagem, realizando a intervenção a partir de um processo de experimentação. Trata-se da valorização da capacidade de readaptação às circunstâncias sempre mutáveis. Configura-se, assim, uma outra forma de entender a arquitetura, que inclui a

transitoriedade como parte integrante dela mesma, ainda que comprometida com o reconhecimento e continuidade do que existe.

Uma solução que pode formalizar-se arquitetonicamente através do conceito de reversibilidade, que se vale de mecanismos como “a caixa dentro da caixa” empregada no Pavilhão 17c, dando lugar a um espaço resultante flexível que é capaz de incorporar novos usos, entendendo a intervenção como um processo que pode chegar a ser desmontado um dia. Nesse sentido, pode-se dizer que tudo no Intermediae responde a uma nova forma de fazer, tanto que essa intervenção representou uma evolução no processo de trabalho de arquitetura no escritório de Arturo Franco, sendo essa a maior das evidências e também o maior dos acertos da mesma.

Dessa maneira, é a atitude com a qual se enfrenta o projeto o motor que impulsiona as decisões; essa vontade de experimentação através dos



Fonte: Imagem cedida pelo autor, Arturo Franco.

*Figuras 15: Perfis metálicos HEB-1000 e IPE-600 na forma de mostrador e banco corrido; piso contínuo de concreto armado no vestíbulo do Pavilhão 17c - Intermediae.*



Fonte: Imagem cedida pelo autor, Arturo Franco.

*Figuras 16: Caixa conformada por perfis de aço e vidro na sala longitudinal do Pavilhão 17c - Intermediae*

condicionantes de partida. Estes são: a história do espaço, a temporalidade, o orçamento reduzido, o futuro uso do espaço e a atitude de enfrentar o problema com absoluto compromisso de fazer parte de um processo de aprendizagem constante. Tudo isso resultando em uma solução em que as marcas do passado permanecem, todas elas, com o mesmo valor. Incluídas, aí, as marcas do presente; aquelas provocadas por nós próprios. O programa não é importante; o condicionante temporal o é muito mais. Não existe uma solução formal de partida, assim como não há uma solução material de partida, nem a vontade de deixar um rastro. Ao contrário, o projeto vai surgindo, inclusive durante a obra. Vai

se reconduzindo em função dos movimentos e da evolução de todos os condicionantes. As decisões se tomam em funções dos mesmos. Se vão tomando.

Esse processo, efetivamente, se revela na experimentação do modelo conduzido durante a própria obra. Através dessa experimentação se definiram os detalhes construtivos tal qual expressos nas paredes dos espaços, onde ainda permanecem as marcas dos desenhos, detalhes e soluções tomadas *in situ*.

#### Solução material

A condição de espaço transformável e a temporalidade que se exigia na proposta conduziram a se pensar



Fonte: Imagem cedida pelo autor, Arturo Franco.

*Figura 17: Telhas no Pavilhão 8b - a oficina, depois da intervenção.*

na reutilização, na realocação, na sua constante manipulação e na sua alta resistência ao uso. Surge então a decisão de se buscar uma solução imediata gerada com materiais provenientes diretamente da indústria sem qualquer transformação, apostando na redução dos processos de montagem e construção. Por outro lado, da condição marcada pelo uso surge a materialidade: uma materialidade de grande rigidez, capaz de resistir ao desafio de qualquer forma de criação e de expressão artística.

No caso do Pavilhão 17c, empregam-se três materiais: aço, concreto e vidro. Aço como material que determina o carácter da intervenção, trabalhado de maneira efêmera, porém pesada, como matéria que se transporta, se monta e se pode desmontar quando necessário, e, ao mesmo tempo, como um

material de grande rigidez, que pode assumir tanto os usos previstos como os mutáveis; aço como material que imprime continuidade à própria matéria, com o qual se configura a estrutura da nova intervenção, mas, também, com o qual se geram planos verticais que configuram as circulações e as menores compartimentações; e, por final, aço, cuja descontextualização faz surgir os novos elementos que configuram o mobiliário, o pavimento, os próprios marcos que conformam as aberturas - como é o caso dos perfis metálicos introduzidos no vestíbulo do Intermediae. O concreto, material com o qual é gerado o plano contínuo do solo. E o vidro que protege as aberturas da fachada montado da maneira mais elementar, com suas dimensões máximas sem cortes, para que também possa ser reutilizado.



No Pavilhão 8b, a experimentação nasce a partir da descontextualização de um elemento construtivo - nesse caso, a telha cerâmica plana, que, ao invés de estar na cobertura, passa a ser o material com o qual são configuradas as partições verticais do interior do pavilhão, fazendo com isso referência ao ritmo e tonalidade gerada pelo tijolo, mas com maior leveza e permeabilidade.

Por último, nos Pavilhões 8 e 9, o aço volta a ser o material que imprime o caráter à intervenção, deixando à mostra a frágil estrutura de concreto original, fazendo com que o edifício conte a sua própria história, suas virtudes e suas imperfeições. Por sua vez, o projeto em espera, “fio condutor”, define um espaço altamente transformável graças às múltiplas combinações nas configurações espaciais geradas pelo entrelaçamento das cordas de cânhamo. Aqui, espera-se uma sensação imprevisível. O profundo odor bovino da corda de cânhamo que sem dúvidas escapa ao nosso controle e, apesar disso, nos lembrará de algum modo da sua passada vida animal.

A aplicação dessa filosofia de trabalho nos três projetos expostos, com qualidades espaciais específicas, tem como resultado três relações distintas entre a proposta de intervenção e a preexistência.

### **Pavilhão 17c - Intermediae: sem atuação aparente, o “novo” se separa do “velho”**

Trata-se de uma intervenção “sem atuação aparente” na qual o espaço existente permanece e se deixa reconhecer; uma intervenção na qual se valoriza a preexistência como um testemunho, como um documento de um determinado passado. Entender a arquitetura como um processo, como um ente vivo, transformável, “não acabado”<sup>19</sup>.

A arquitetura e o espaço permanecem não somente como matéria que oferece abrigo e configura um envoltório, mas também com toda sua carga histórica valorizada: o espaço conta a história de sua vida. O novo e o velho se complementam e ao mesmo tempo se potencializam.

Ambos convivem em perfeita harmonia mantendo sua autonomia. Os recursos utilizados para isso são os que conferem o máximo respeito e delicadeza ao se aproximarem. Geram-se, assim, zonas obscuras em todos seus encontros, de maneira que os apoios se produzem sempre de forma sutil, numa aproximação respeitosa e um pouso suave e delicado, apesar da dimensão e da escala das peças que se apoiam. Produz-se o diálogo entre o novo e o velho e um enfrentamento de opostos: frente à solidez massiva e à dimensão dos pilares existentes de concreto armado, aparece a esbelteza e a aparente leveza dos perfis de aço; frente à unidade da obra construída, a fragmentação; frente à construção modular e de montagem a seco, a construção tradicional; frente à materialidade simples e direta “de canteiro”, a obra complexa, elaborada por uma combinação de materiais.

Trata-se de uma operação na qual a adequação da proposta sobre a arquitetura se produz sem distorção na ação; na qual a nova arquitetura se situa dentro do existente de uma forma clara e categórica.

### **Pavilhão 8b - a oficina: reinterpretação de uma preexistência, o “velho” passa a ser o “novo”**

A ação se estabeleceu seguindo a estratégia da “reinterpretação”, que supõe transformar a preexistência, seguindo o processo lógico da construção histórica, dando-lhe uma nova oportunidade com

novos valores sugeridos. A preexistência é utilizada como material da nova arquitetura, ressaltando com isso sua qualidade material.

Desse modo, se trabalha a matéria e sua capacidade de gerar sensações - neste caso, desde a descontextualização de um elemento, como a telha plana e seu uso para outros fins, gerando um novo ritmo e vibração onde as qualidades de fragilidade do mesmo, a cor vermelha (como a dos tijolos e dos muros exteriores), e a textura (que surge do assentamento das mesmas, como se fossem tijolos) são capazes de estabelecer uma potente simbiose mental entre o novo e o que se evoca como preexistência, já que ambos não se relacionam fisicamente em nenhum momento. Constrói-se, porém, uma nova pele envolvente interior que define um espaço com uma nova textura, materialidade, vibração, luz, ...

São as próprias qualidades da matéria que propiciam uma nova forma de usá-las e, portanto, uma nova função.

### **Pavilhões 8 e 9: justaposição, o “velho” e o “novo” colaboram**

No caso da proposta dos Pavilhões 8 e 9, a estratégia utilizada foi a justaposição ou colonização da preexistência por meio de novas arquiteturas. Nesse sentido, a energia investida para realizar a adequação da arquitetura preexistente significou um esforço maior do que nas duas outras intervenções anteriores. O projeto de reforço estrutural executado introduz uma nova ordem espacial, uma nova hierarquia.

Por fim, um arquiteto e três projetos, todos eles referentes a intervenções sobre o construído, em três momentos distintos, com três situações prévias

diferentes e três respostas concretas e particulares, todas trabalhadas a partir do diálogo entre o novo e o preexistente. Ainda que em todas as situações as intervenções tenham ocorrido exclusivamente no interior e partindo-se do princípio de que todos os pavilhões se comportam como um contenedor espacial de grande qualidade que deve ser respeitado, pode ser identificada uma estratégia geral de “conservação”, entendida como a valorização da preexistência em seu estado atual de degradação, mantendo o objeto arquitetônico conforme chegou até o momento, mostrando as camadas de seu devir ao longo de sua história recente, expondo a sua capacidade de transformação como base de sua permanência. Uma opção arquitetônica que implica aceitar a continuidade como regra, onde a arquitetura existente é o que mostra as oportunidades de ação oferecidas e o olhar sensível e positivo do autor o instrumento que lê a “história” no *Intermediae*, a “oportunidade” na *Oficina* e a “estrutura” nos Pavilhões 8 e 9 como linhas de ação, permitindo, então, aproveitá-las, focando nelas como estratégia de ação. Atendendo-se, deste modo, a cada caso concreto em cada uma das atuações - todas elas guiadas pelo sentido comum na tomada de decisões, deixando de lado questões como a autoria para dar protagonismo à arquitetura e sua valorização através da permanência e, com isso, valorizando o espaço e suas qualidades. Entendida a arquitetura, portanto, como um projeto aberto ao longo de muitos anos, para uso de muitas pessoas.



**Notas de Fim:**

1. Luis de Bellido foi arquiteto da Prefeitura de Madrid desde 1905 até 1935, onde foi responsável pela construção e conservação de edifícios municipais. Para a realização do projeto do matadouro viajou pela Espanha e pela Europa com o objetivo de conhecer em primeira mão e pessoalmente as últimas novidades em relação aos estabelecimentos destinados a matadouros e sua execução em países vizinhos. Foi assim que conheceu matadouros na França, Bélgica, Inglaterra, Itália, Portugal e especialmente na Alemanha, que foram sua maior referência pelo seu adequado funcionamento e instalações. Foi no matadouro de Colônia onde Luis de Bellido inspirou-se no momento de desenhar o matadouro que seria instalado na margem de Arganzuela. Assim, entre ambos, encontramos grandes semelhanças quanto à organização hierárquica, acessibilidade e usos do conjunto.

2. Nota do tradutor: tradicionalmente, *rasilla*, é um tijolo fino e oco que mede aproximadamente 15 cm x 30 cm, com uma espessura de 2,5 cm, mas bastante resistente. Usado como método tradicional de construção na Espanha, serve para coberturas, lajes ou paredes. Este tijolo é disposto um ao lado do outro pelo seu lado mais estreito.

3. Nota do tradutor: “*aparejo toledano*” é um sistema construtivo tradicional presente em várias cidades de Castela, na Espanha. Consiste em um assentamento misto de tijolo maciço e outro material (normalmente pedra). Tem uma fiada horizontal de tijolo maciço (verdugadas), que é o que dá resistência à parede, e entre as fiadas horizontais está assentada a pedra com cimento ou cal.

4. Nota do tradutor: “*verdugadas*” são as fiadas horizontais de tijolos cerâmicos maciços presentes nos muros construídos em outro material.

5. Nota do tradutor: “*machones*” são pilares de tijolos cerâmicos maciços embutidos nas paredes.

6. Um movimento moderno manifestado na arquitetura de Adolf Loos e na de seu colega Peter Behrens o qual projeta em 1909 a paradigmática fábrica de turbinas para a empresa AEG em Berlim, ícone da arquitetura industrial.

7. Em 2004 aconteceram os primeiros projetos que consistiram em:

1. levantamento dos dados arquitetônicos: o levantamento completo e atualizado que é realizado pela Escola Técnica Superior de Arquitetura de Madrid; 2. estudo histórico realizado pelo Serviço Histórico do Colégio Oficial de Arquitetos de Madrid; 3. Plano Especial de Proteção do Matadouro e seu entorno, realizado pelo Departamento de Urbanismo que definiu o grau de intervenção para cada pavilhão, assim como também demarcou as construções que não sendo originais poderiam ser demolidas; 4. concepção do Centro Cultural que se desejava criar, estudando para isso a situação atual da cidade e as demandas culturais.

8. Antes do Matadero Madrid, em 2013, realiza o stand para a Prefeitura de Madrid no Arco, e este posteriormente é reciclado através da utilização de suas peças como estrutura para convertê-lo em uma moradia no povoado de Robledo de Chavela; assim, a reutilização de materiais serviu para resolver um problema.

9. *Intermediæ* é um espaço experimental da Secretaria de Cultura e Esportes do Governo da Câmara Municipal de Madri.

10. Adotou-se como filosofia e conceito do projeto o processo, vinculado ao conceito de processo de Pedro Aullón, que define “O Processo” como: “*ideia relativa à relação e dinâmica das mudanças e pressupõe, na nossa perspectiva das coisas, um sentido vivaz da experiência. Entendido assim, o processo não opta pela preponderância da análise ou da síntese, mas convive com naturalidade entre estes, instalado sobre uma base que é a intuição, o primeiro, e o céu aberto de uma imaginação não separável do entendimento. O processo como necessário devir, já não em sentido teórico ou prático, mas como realidade que, por assim dizer, supera esta distinção, é indeligiável tanto de uma ideia de reflexão sobre o devir mesmo, pois caberia pensar que todo devir se confunde em uma mesma sucessão de acontecimentos, é a procissão das procissões, a totalidade. Se certo pensamento da primeira metade do século XX colocou seu empenho em conduzir um processo de argumento físico tal como metafísico por um caminho capaz de superar a tradição filosófica da substância a qual, mediante uma interpretação não restritiva, faz-se evidente a exigência de movimento e novidade, ação e processualismo, capacidade funcional e duração. Isto não busca o alienamento à critérios*”

de valorização, mas ao contrário, o enriquece. Trata-se da continuidade, a descontinuidade e a continuidade do processo, realidade viva” Revista Pasajes Construcción, n34\_ intermediae, matadero, reinterpretação construtiva de un espacio degradado.

11. Nota do tradutor: *azulete* é um pigmento azul proveniente do cobalto que ao longo da história está associado à pintura artesanal e à lavanderia. É também usado em obras para traçar linhas ou indicações em paredes. É um pigmento altamente resistente à água e à luz solar.

12. Nota do tradutor: perfil IPE-600 é um perfil “I” de dimensões 220 x 600 mm.

13. Nota do tradutor: viga H-1000 é uma viga “I” de dimensões 300 x 1000 mm.

14. Nota do tradutor: perfil UPN-180 é um perfil “U” de dimensões 70 x 180 mm.

15. Nota do tradutor: perfil IPN é um perfil “I”.

16. Nota do tradutor: como já mencionado, tradicionalmente, *rasilla*, é um tijolo fino e oco que mede aproximadamente 15 cm x 30 cm, com uma espessura de 2,5 cm, mas bastante resistente. Usado como método tradicional de construção na Espanha, serve para coberturas, lajes ou paredes. Este tijolo é disposto um ao lado do outro pelo seu lado mais estreito.

17. Nota do tradutor: do original *gatos de presión*.

18. Franco Díaz, A. Memorial da proposta “Hilo conductor” apresentada em concurso para a transformação dos pavilhões das evisceração e secagem de peles do Matadero Madrid em um espaço capaz de abrigar usos culturais, artísticos e de lazer. Madrid, 2008

19. Vários autores escreveram sobre o conceito de “não acabado”, do “*non finito*”, como o arquiteto Ignacio Bosch e José Ignacio Linazasoro.

### Referências Bibliográficas:

ÁBALOS, Iñaki. *Atlas Pintoresco*. Vol 1: *el Observatorio*. Barcelona: Ed. Gustavo Gili, 2005.

\_\_\_\_\_. *Atlas Pintoresco*. Vol 2: *los Viajes*. Barcelona: Ed. Gustavo Gili, 2008.

ALONSO DEL VAL, Miguel Ángel. La arquitectura como límite. In: *Arquitectura*. Madrid: Ed. COAM, n. 274, p. 24-35, 1998.

AUGÉ, Marc. *Los no lugares. Espacios para el anonimato*. Barcelona: Gedisa, 2008

BAGLIONE, Chiara. Peter Zumthor. Construire la memoria. Conversazione con Peter Zumthor. In: *Casabella*. Barcelona: Ed. A. Mondadori, n. 728-729, p. 72-81, 2004.

BOSH REIG, Ignacio. Intervención en el patrimonio: un continuo proceso de innovación. In: *Restauración y Rehabilitación*. Valencia: R&R, n. 79, p. 20-27, 2004.

\_\_\_\_\_. Del fragmento al conjunto. De lo particular a lo general. In: *Restauración y Rehabilitación*. Valencia: R&R, n. 112-113, p. 4, 2010.

\_\_\_\_\_. La ruina como valor añadido en el patrimonio. El non-finito. In: *Ingeniería y territorio*. n. 92, p. 86-95, 2011.

BRAUNGART, Michel; MCDONOUGH, William. *Cradle to cradle. Rediseñando la forma en la que hacemos las cosas*. Nova York: McGraw Hill, 2005.

ETXÁNIZ, Jose Manuel et al. *El Matadero Municipal de Madrid: Recuperación de la memoria*. Madrid: Ayuntamiento de Madrid, Área de las Artes, 2005.

FRANCO DÍAZ, Arturo. Naves 8 y 9 de ‘Matadero Madrid’. In: *AV Proyectos*, n. 26, 2008.

\_\_\_\_\_. Matadero Madrid. In: *Tectónica*. Madrid: ATC

Ediciones, S.L, n. 39, 2012.

FRANCO DÍAZ, Arturo; VAN TESLAAR, Fabrice. Matadero Madrid, In: a+t. *Civilities*. Vitoria-Gasteiz: a+t Architecture Publishers, v. 1, n. 29, 2007.

\_\_\_\_\_. Intermediae\_Matadero. Antiguo Matadero Legazpi, Madrid. In: *conarquitectura*. Madri: Conarquitectura Ediciones, n. 24, 2007.

\_\_\_\_\_. Matadero de Madrid. In: *Diseño Interior, interiorismo arquitectura y diseño*. Madri: Editorial Diseño Global, n. 183, 2007.

\_\_\_\_\_. Matadero Madrid. In: *Domus. Contemporary architecture interior*. Milão: Domus editorial, n. 908, 2007.

\_\_\_\_\_. Matadero Madrid. In: *Revista Pasajes Construcción*. n. 34, 2007.

GOLDBERGER, Paul. *Por qué importa la arquitectura*. Madrid: Ivorypress Essential, 2012.

LACATON, Anne. Re-appropriation. In: *Actas de los seminarios de apoyo a la investigación Hibridación y transculturalidad en los modos de habitación contemporánea. El territorio andaluz como matriz receptiva*. Sevilha: Ed. Universidad de Sevilla y Consejería de Vivienda y Ordenación del Territorio. Junta de Andalucía, 2009.

LASSO DE LA VEGA ZAMORA, Miguel; RIVAS QUINZANOS, Pilar; SANZ HERNANDO, Alberto. *Memoria histórica para el Proyecto de Rehabilitación del Antiguo Matadero Municipal de Madrid*. Madri: Servicio Histórico COAM, 2005.

LATHAM, Derek. *Creative re-use of buildings*. Reino Unido: Donhead, v. 1, 2000.

LYNCH, Kevin. Echar a perder. In: *Un análisis del deterioro*. Barcelona: Gustavo Gili, 2005.

MORALES, José. La Construcción del Olvido. Memoria,

Revista online do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica - Puc-Rio – Rio de Janeiro Brasil  
Ano I – N° I - ISSN 2446-7340

Historia, Proyecto. In: *Cuadernos IV. Arquitectura y Patrimonio*. Andalucía: Junta de Andalucía. p. 45-63, 1994.

REPRESA BERMEJO, Ignacio. La expresión plástica en la degradación. In: *Restauración Arquitectónica II*. Valladolid: Ed. Universidad de Valladolid. p.145, 1998.

VV.AA. *Reclaim. Remediate, Reuse, Recycle*. Vitoria-Gasteiz: a+t Architecture Publishers, n. 39-40, 2013.

VALERO RAMOS, Elisa; CHACÓN LINARES, Eva. Crecer por dentro, estrategias de reciclaje urbano para el tercer milenio. In: *Actas de los Seminarios de Apoyo a la Investigación hibridación y transculturalidad en los modos de habitación contemporánea. Hibridación y transculturalidad en los modos de habitación contemporánea. El territorio andaluz como matriz receptiva*. Sevilha, 2009.

VALERO RAMOS, E. et al. *Glosario de Reciclaje Urbano. Memorias Culturales*. Valencia: General de Ediciones de Arquitectura, 2014.